

A crise dos quarenta

Quem são os seguidores da religião difundida por Bob Marley há quatro décadas?

CARLA MAGNO E MARIANA FARIA

1 968 foi proclamado como o ano do Reggae. Um estilo musical único que não trouxe na bagagem apenas letras e melodia. Mas uma forma de se comportar, vestir, viver e ter fé. Lutar pela paz, carregar uma bandeira. Insignias do Rastafarianismo.

Em meados dos anos 1920, Marcus Garvey, um jamaicano preso nos Estados Unidos, voltava ao seu país de origem defendendo a tese de que os descendentes de escravos só encontrariam a legítima salvação se retornassem ao continente africano. Uma diáspora inversa que sairia do discurso para fundar os preceitos de uma religião.

Garvey descendia dos Maroons, negros que pertenciam a um quilombo formado por escravos que resistiram por mais de 80 anos ao exército inglês e se tornaram independentes do governo colonial. Líder do movimento negro enquanto esteve em território americano, as idéias de Garvey encontraram eco entre os líderes religiosos da Jamaica e ele ganhou fama de profeta. Sua pregação seguiu como um sopro a uma interpretação livre da Bíblia, em especial, do Velho Testamento. Argumento que justifica a tese de que o Rastafarianismo seria uma mesclagem do Cristianismo com o Judaísmo. Garvey e seus seguidores se “encontraram” na história das tribos perdidas de Israel vendidas aos senhores de escravos da Babilônia. A cada versículo, a cada passagem, uma metáfora resultava em mais uma expressão, em mais uma palavra do vocabulário da religião que se formava. Então, profeta, Garvey predizia um futuro de liberdade para os negros pelas mãos de um rei que traria a redenção.

Se Garvey estava certo, ou não, são argumentos discutíveis. Ainda mais quando se trata de fé. Mas o fato é que em 1931 o quebra-cabeça se montou. O novo rei da Etiópia foi proclamado em uma situação atípica. Com isso, Tafari Makonnen, ganhou dos Rastafáris o prefixo de Ras, título de nobreza etíope atribuído à sua condição de Rei dos Reis, e passou a ser Sua Majestade Imperial o Leão da Tribo de Judá. O rei negro que o profeta anunciara. Makonnen adotou o nome de Hailê Selassie I e recebeu dos seguidores de Garvey, e da religião Rastafári, a insígnia de legítimo herdeiro



Marcus Garvey

ro da antiga linhagem do rei Salomão, que teve um filho com a rainha de Sabá, soberana do reino etíope. Logo, de Rei, Selassie I passou a Deus. Passou a Jah, a abreviação do nome bíblico de Jeovah para designar a encarnação terrena de Deus.

O trecho que confirmaria o destino do novo Rei estava no livro Apocalipse, de São João: “Não choreis!



Haile Selassie

aqui o Leão da Tribo de Judá, a raiz de David, que pela sua vitória alcançou o poder de abrir o livro e desatar seus sete selos” (5:5). Agora, os Rastafáris tinham a quem direcionar suas preces e depositar suas esperanças. E a escolha do país africano não é aleatória. Os etíopes teriam sido o único povo do continente a se manterem livres do jugo europeu, mesmo durante o apogeu do colonialismo.

Rastafarianismo como voz de uma minoria

A esperança dos jamaicanos que aderiam em massa à religião era de se sentirem livres. A mesma liberdade que todo ser humano busca através da crença, da arte, da música, na ânsia de ser eterno e responder a todas as angústias e questionamentos do porquê de estarmos aqui. Ou de por que temos a vida que temos. E se a Jamaica foi o terreno fértil, Garvey foi o grande cultivador da Holy Piby, a Bíblia negra, que serviu como voz, e aparentemente uma voz rouca e quase imperceptível, de grande parte da população de um pequeno país em um mundo no auge de tantas transformações. Mas ao som do Reggae, um outro homem

O mesmo encantamento, que mobilizou jovens e fez o mundo perceber a religião que surgia, se dissipou como a fumaça da cannabis

tão importante quanto Marcus Garvey se tornou um catalisador, um multiplicador em potência máxima da semente do Rastafarianismo pelo planeta.

Daí em diante, comportamentos e atitudes passaram a fazer parte de uma tradição religiosa rasta. Uma religião fundamentada em leituras textuais da Bíblia negra, alimentação orientada pela religião, a não ingestão de álcool, tabaco, carne e tudo o que não fosse “ital”, um termo que significava puro. Os rastas também não cortam e nem penteiam o cabelo, mantendo talvez a mais difundida das tradições: os dreadlocks. Do ritual faz parte a marijuana (maco-nha) cujo consumo é justificado como um sacramento e um auxílio à meditação. Reconhecida inclusive como o fumo da sabedoria.

O Rastafarianismo no novo século

A história de uma crença nascida para libertar um povo, à primeira vista, poderia ter dado à religião Rastafári um poder e um alcance muito maiores. A narrativa bíblica da terra prometida guiava os negros americanos para a tão sonhada redenção e manifestava um desejo de construir uma sociedade justa. A experiência religiosa dos rastas se desvela como uma imagem da valorização de uma raiz negra na consciência de sua história e na determinação de se tornar agente do seu próprio destino.

Primeiro observamos os fatos e depois os mitos. Mas os mitos do Rastafarianismo ainda vivem no imaginário de milhares de pessoas, embora para outros com um certo ar decadente. O mesmo encantamento, que mobilizou jovens e fez o mundo perceber a religião que surgia, se dissipou como a fumaça da cannabis. Quando observamos jovens brasileiros cantando as canções de Bob Marley, para usar a antiga expressão, “de cor e salteado”, ou vestindo as cores da Etiópia com o “leão de ouro” ao centro, – bandeira da religião Rastafári –, reconhecemos uma atração sim, mas sem o mesmo peso, impacto e envolvimento daqueles que praticavam a religião.

Religião rasta x comportamento rasta

De acordo com o dicionário Aurélio, religião é uma crença na existência de uma força considerada como criadora do Universo, e que, como tal, deve ser adorada e obedecida. E mais, ainda define como a manifestação de tal crença por meio de doutrina e ritual próprios que envolvem, em geral, preceitos éticos. Como poderíamos incluir nestas definições os jovens, na maioria brancos, de classe média e classe média alta (que dominam o idioma em que Bob Marley canta), tão diferentes dos camponeses negros jamaicanos? Qual ponto de interseção une os que crêem no retorno dos negros libertos à África, daqueles que gostam das músicas e vêem na religião Rastafári uma forma de expressão de insatisfações diversas e de amplitudes diferentes?

A pesquisa para encontrar no Brasil uma pessoa, de qualquer idade ou classe social, que fosse vegetariano, encarasse a vida como uma luta para libertar seu povo e seguisse muitos outros rituais estabelecidos há 40 anos, passou de apuração a uma saga. Os depoimentos eram vagos e até então, ninguém que assumisse a utopia Rastafári como forma de vida.

Em depoimento publicado no ano passado no site Overmundo, – famoso blog do antropólogo Hermano Vianna –, o deputado federal Fernando Gabeira afirma que a biografia do cantor que fez do Reggae “uma lufada de ar fresco para quem tinha saudade dos trópicos”, organizou todos os detalhes da vida de Bob Marley para celebrar uma religião “que não deu tão certo quanto a trajetória estética do cantor”. Para Gabeira, o título soberano de Tafari Makonnen é uma das idéias que Marley iria abraçar e que hoje é “apenas uma ruína”. O deputado questiona como estão hoje os Rastafáris que deixaram a Jamaica em busca da terra prometida. Ele mesmo responde à pergunta afirmando que a cidade de Sashemene, por exemplo, mais parece duas cidades. Uma, dos africanos, com quase 100 mil habitantes. E outra dos rastas, com cerca de 1500 habitantes. Eles ocupam terras dadas por Selassie que hoje foram envolvidas pelo crescimento da cidade espremendo a população rasta que habita lugares na base da grilagem. Lá, os Rastafáris seriam discriminados e hostilizados pelos etíopes. Nem mesmo os dreadlocks seriam aceitos.

Gabeira segue com o texto questionando a atribuição de santidade muitas vezes designada a Bob Marley e argumenta sobre a qualidade do cantor, considerada mais que humana. Tão humanas quanto as de Marcus Garvey. Será que a ausência de um santo é que faz da religião Rastafári hoje em dia apenas um modo de se vestir, pentear os cabelos e fazer música?

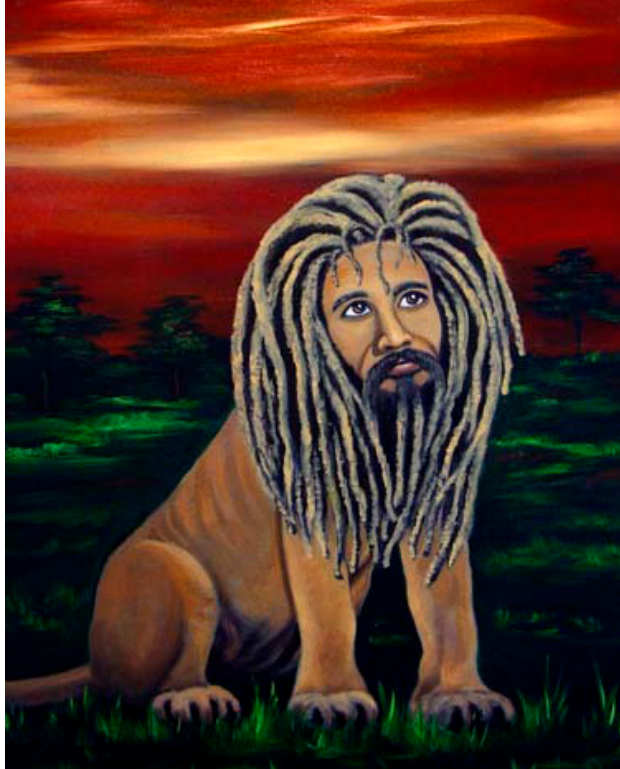


Ilustração do rasta como um ser selvagem

Enfim, um remanescente

Já nos últimos dias de apuração, em um domingo de sol na praia do Leblon, um vendedor de pulseiras nas cores da bandeira rasta responde à pergunta com um sonoro não. Ele acha que a religião Rastafári de fato continua a ser de uma minoria, mas porque sempre será de uma minoria. E que, como muitos os que se dizem católicos e apenas foram batizados ou se casaram na Igreja, existem aqueles que apenas aparentam fazer parte da religião Rastafári. Enquanto cobra de três a oito reais pelos adereços, Wilton Ramos, que mora em Bangu com a tia, diz que acredita na libertação do seu povo e que se esforça diariamente para seguir todos os passos da doutrina rasta. Wilton chegou fazer um ano de curso técnico em segurança do trabalho, mas diz que não via sentido no estudo. Prefere a vida que leva agora. Para o vendedor são as músicas de Bob Marley é que mantém viva chama Rastafári. Mas ele não se considera parecido com os jovens que admiram o cantor, mas que sustentam práticas como fumar tabaco ou ingerir bebidas alcoólicas. Muito menos com aqueles “que não lutam pela minoria negra e que são preconceituosos”, reforça Wilton.

Para sua tristeza, se Wilton for ao dicionário de língua portuguesa, um pouco antes da palavra religião poderá encontrar os seguintes significados da palavra Rastafári: 1. adepto do Rastafarianismo; 2. diz-se do adepto do Rastafarianismo; 3. diz-se dos cabelos enrolados em longas madeixas separadas e envoltas em banha; 4. diz-se do cabelo penteado em tranças, e, às vezes, com auxílio de linha.

